

Fazer literário na Guiné-Bissau: apontamentos

Katia Melchiades *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0009-0463-4151>

Regina Pires de Brito**

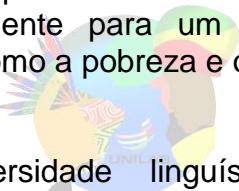
ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-0634-8572>

RESUMO

No artigo "Fazer Literário na Guiné-Bissau: Apontamentos", as autoras tratam do desenvolvimento da literatura na Guiné-Bissau, destacando desafios históricos e linguísticos enfrentados no país. A colonização portuguesa, iniciada em 1446, deixou um legado de resistência por parte da população local, o que impactou o progresso educacional e cultural da região. Embora o português seja a língua oficial, apenas uma pequena parte da população nela se expressa cotidianamente, prevalecendo o uso do crioulo guineense e de outras línguas locais. Mesmo com uma rica tradição de oratura, a transição para a literatura escrita foi dificultada por vários fatores - como a ausência de normatização do crioulo e a falta de investimentos em livrarias, editoras e no sistema educativo -, resultando em uma produção literária ainda limitada, especialmente no tocante à produção em línguas locais. O texto também aborda algumas faces da poesia guineense, inicialmente enraizada nas lutas de libertação e no combate ao colonialismo. Poetas como José Carlos Schwarz, na década de 1970, utilizaram a poesia como instrumento de resistência cultural e política. No entanto, nas últimas décadas, a literatura guineense tem migrado gradualmente para um estilo mais introspectivo e lírico, abordando questões do cotidiano, como a pobreza e os desafios sociais do país.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura bissau-guineense; diversidade linguístico-cultural; resistência colonial; identidade.



ABSTRACT

The article analyzes the development of written literature in Guinea-Bissau, highlighting the historical and linguistic challenges faced by the country. The Portuguese colonization, which began in 1446, left a legacy of resistance on the part of the local population, which impacted the educational and cultural progress of the region. Although Portuguese is the official language, only a small part of the population communicates in it daily, with the use of Guinean Creole and other local languages prevailing. Written literature in Guinea-Bissau had a late start, mainly due to the lack of standardization of Creole and the lack of investment in bookstores, publishers and education. Despite a rich tradition of orature, the transition to writing was hampered by these factors, resulting in limited literary production, especially in local languages. The text also addresses the different phases of Guinean poetry, which was initially deeply rooted in the liberation struggles and the fight against

* Doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Letras pela mesma instituição e graduada pela Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista. Professora mediadora em Sala de Leitura em uma escola estadual de São Paulo. E-mail: katia.vulpes@gmail.com.

** Mestre e Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, com estágio Pós-Doutoral na Universidade do Minho. Coordenadora Geral dos Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: regina.brito@mackenzie.br.

colonialism. Poets such as José Carlos Schwarz used poetry as a tool of cultural and political resistance during the 1970s. However, in recent decades, Guinea-Bissauan literature has gradually shifted towards a more introspective and lyrical style, addressing everyday issues such as poverty and social challenges of the nation.

KEYWORDS

Bissau-Guinean literature; linguistic-cultural diversity; colonial resistance; identity.

RESUMO¹ - Crioulo da Guiné-Bissau

Na artigu "Fassi Literariu na Guiné-Bissau: Apontamentu", otoris trata de disinvolvimentu de literatura na Guiné-Bissau, nundé ké mostra disafius istorikus i linguistikus ku é odja na pais. Kolonizasson portuguis, ku kumsa na 1446, i dissu marka de rizistensia pa ladu de pupulasson di la, ku impakta progressu edukassional ku kultural de rigion. N'bora portuguis i lingua ofissial, só um parti pikininu de pupulasson ku tá papial sempri, nundé ki mas tá papiadu kriol guinensi ku utrus linguas de la. Mesmu ku un tradisson riku de oratura, mudansa pa literatura iskrita i difikultadu pa mangas de kussas - suma auzensia de normatizasson de kriol ku falta de investimentu nas livrarias, editoras i na sistema edukativo -, ku rusulta na prudusson literariu inda limitadu, spessialmente na kil ku toka ku prudusson na linguas lokal. Texto tambi fala de alguns ladus de poizias guineensi, ku na kunsada i pudu ba tambi na luta de libertasson i pa kombati kolonialismu. Puetas suma José Carlos Schwarz, na anu de 1970, é usa poizia suma instrumentu de rizistensia kultural i politika. Na ultimus dekadas, literatura guinensi sta na bai um bokadu pa un stilu instrospectivu i liriku, nundé ki tá fala de kussas de dia a dia, suma pobreza ku disafius sociais de pais.



PALABRAS-TCHABI

Literatura bissau-guineense; diversidade linguístico-cultural; resistência colonial; identidade.

1. Considerações iniciais

O presente artigo² apresenta uma perspectiva acerca da produção literária escrita da Guiné-Bissau, país de língua oficial portuguesa, situado na costa ocidental da África, tendo a oeste o oceano Atlântico, com fronteiras a leste e a sul com a Guiné Conacri e a norte com a República do Senegal. Embora o país, assim como a maior parte dos países que passaram pelo processo de colonização, mantenha a língua do ex-colonizador como oficial, a Guiné-Bissau apresenta uma situação linguística amplamente diversificada e se caracteriza como um espaço multiétnico e multilingüístico, cujas histórias e culturas se entrecruzam há séculos.

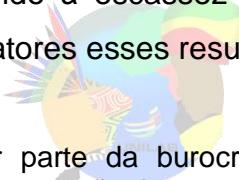
Do ponto de vista histórico, o ano de 1446 assinala o início da presença portuguesa no território da atual Guiné-Bissau, quando Nuno Tristão, conforme Augel (2007), vindo da

¹ A versão do resumo em crioulo da Guiné-Bissau foi gentilmente elaborada pelos guineenses Maximiliano Correia de Sá e André Ocalco Có. Embora o crioulo guineense ainda não possua uma normatização oficial, a tradução foi realizada com base nas convenções linguísticas mais amplamente empregadas no uso escrito e falado da língua.

² O presente artigo desenvolve alguns aspectos inspirados na dissertação de mestrado de uma das autoras, enriquecido pela releitura, pelo debate e pela contribuição reflexiva da coautora.

região marítima senegalesa, aportou na costa que viria a estar sob o domínio português na chamada Guiné “portuguesa”. Os primeiros contatos se deram de forma violenta, tendo havido muita resistência por parte das populações litorâneas, a ponto de os territórios terem sido conquistados às custas de muito derramamento de sangue, como resposta dos autóctones “[...] aos permanentes ataques de frotas portuguesas à costa ocidental, quando sequestradores incursionavam pelas aldeias litorâneas, levados pela cobiça, apresando escravos” (Augel, 2007, p.52).

Após dez anos, Diogo Gomes, juntamente com Cadamosto, atingiram a região ocidental numa exploração por via fluvial da Guiné, promovendo a entrada dos portugueses no interior da região. O período até a efetivação do domínio português foi marcado por muitos conflitos, devido à resistência da população africana. A concepção colonial, fortemente exploratória pela qual o país foi submetido durante os anos de regime colonial, deixou reflexos que se veem ainda hoje na economia precária do país, baseada, segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (Brasil, [s.d.], p. 12) na exportação de petróleo, castanhas de caju, amendoim e peixes. Em virtude disso, o país enfrenta desafios significativos devido à escassez de investimentos em infraestruturas básicas, na educação e na saúde, fatores esses resultantes da



[...] falta de empenho por parte da burocracia colonial em relação à infraestrutura, com a pavimentação bastante limitada de estradas e a construção de apenas um conjunto portuário. Além disso, permite avaliar a resumidíssima assistência sanitária e o número restrito de alfabetizados, portugueses e seus descendentes. (Hernandez, 2008, p. 540).

Na metade do século XX, destaca-se Amílcar Cabral que protagonizou o movimento de independência da Guiné-Bissau, já em 1953, quando se juntou aos integrantes do Movimento da Independência Nacional da Guiné. Amílcar Cabral assumiu a liderança do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e, mesmo após seu assassinato, em 21 de janeiro de 1973, seu legado foi levado adiante, culminando no reconhecimento, da parte de Portugal, da autonomia da Guiné-Bissau em 26 de agosto de 1974.

Do ponto de vista linguístico, embora o português tenha o *status* constitucional de língua oficial, normalmente utilizada em contextos oficiais, literários e de ensino, calcula-se que apenas cerca de 12% da população nela se expresse cotidianamente. Scantamburlo (2013) estima que o número de línguas locais na Guiné-Bissau supera vinte e cinco, sendo as mais faladas: o Crioulo/guineense (44,31%); o Balanta (24,54%); o Fula

(20,33%); o Mandinga (10,11%) e o Manjaco (8,13%)³. Assim, se, por um lado, a língua portuguesa é ainda desconhecida por grande parte da população, principalmente porque seu uso se concentra na capital, Bissau. Por outro, a normatização e a instrução do crioulo (ou guineense), que é a língua veicular e identitária, de maior domínio e aceitação entre os diversos grupos étnicos, carece ainda hoje de uma regulamentação e normatização. Sobre o guineense, que também apresenta variedades distintas, Balsalobre e Silom (2024, p. 52-3) esclarecem que o *guineense aportuguêsado* apresenta características do português “isso se percebe no seu vocabulário, assim como na sua fonética. [...] Assim, um falante de língua portuguesa não tem muita dificuldade de entender um falante de guineense aportuguêsado”.

2. Oratura e literatura: condições primeiras

Em comparação com os demais espaços de colonização portuguesa, e devido à modalidade a que a Guiné-Bissau foi submetida⁴, a literatura escrita bissau-guineense iniciou-se tarde, embora a riqueza da literatura oral pertencente aos diferentes grupos étnico-lingüísticos que constituem o país demonstre, incontestavelmente, o poder da oratura em preservar os acervos literários no decorrer das gerações. Nas palavras da pesquisadora e escritora guineense Odete Semedo (2011):

A tradição e a oratura guineenses devem muito ao Cônego Marcelino Marques de Barros, pioneiro da recolha e divulgação de contos, poemas e canções em várias línguas locais⁵. Esses trabalhos foram divulgados ainda em 1882, como o *Guiné Portuguesa ou breve notícia sobre os usos, costumes e línguas da Guiné*, divulgado na Revista da BSG (*Boletim da Sociedade de Geografia*) em 1882. [...] Benjamim Pinto Bull, na sua obra *O crioulo da Guiné-Bissau, filosofia e sabedoria*, traz à tona as diversas manifestações da oratura guineense; manifestações essas expressas na língua guineense, denominada crioulo guineense. Pinto Bull retoma os trabalhos do Cônego Marques de Barros, explora os contos tradicionais, sua tipologia, categorizando-os. (p. 61).

Inúmeros fatores têm contribuído para a morosidade de produções gráficas e de veiculações de obras literárias do país: a sistematização escrita do crioulo encontra-se em

³ O autor refere ainda as línguas: Papel (7,24%); Biafada (1,24%); Bijagós (1,96%); Mancanha (1,86%); Felupe (1,48%); Nalu (0,31%), além de Kobiana, Padjadinka, Djola, Sereres, Banhum, Nalú, Tandas, Baioté, Kassanka, Sussos, Djakankas, Maninka, Soninké.

⁴ A Guiné-Bissau, por muitos anos, foi tida por Portugal apenas como um entreposto de escravos (AUGEL, 2007, p. 54), e não propriamente como uma colônia de assentamento, como ocorreu em Angola e Moçambique.

⁵ Também Odete Semedo fez importante trabalho de recolha de contos tradicionais que compõem as obras publicadas em 2000: “Sonéa: histórias e passadas que ouvi contar I” e “Djênea: histórias e passadas que ouvi contar II”.

discussão em meio às incertezas e aos poucos investimentos em livrarias e casas editoriais no país; além disso, o país continua a enfrentar desafios para mudar a realidade do analfabetismo que aflige mais 60% da população (Banco Mundial, 2024), sendo um quadro muito mais agravante entre mulheres e meninas. Ademais, o sistema educacional segue ministrando aulas exclusivamente em português, para uma população que cresce em ambientes de línguas e culturas diversas; além disso, são escassos os estímulos à que a escolarização possa também ser realizada seja no crioulo guineense, seja nas demais línguas maternas.

Essas condições são decorrentes não somente do regime colonial, que descurou de investimento na educação da população autóctone, como também das instabilidades políticas e administrativas que têm permeado o país desde a sua independência. A título ilustrativo, após a emancipação, o número de cidadãos nativos com formação superior não passava de 20 (Augel, 2007); hoje, o número de indivíduos com formação em nível superior apresenta-se promissor, fato que se deve a parcerias em prol da alfabetização, iniciadas após a independência, com países como Brasil, Cuba, ex-URSS, Suécia, entre outros. Igualmente, o número de movimentos com organizações não-governamentais em busca do desenvolvimento educacional do país tem aumentado significativamente; contudo, a maior parte dos guineenses com sólida formação educacional encontra-se na diáspora.

Voltando-se para o quadro da produção escrita, somente em 1880 a Imprensa Nacional foi instalada na então colônia, quando passou a ter administração própria, deixando de depender de Cabo Verde. Algumas publicações começaram a surgir a partir de 1920, como o boletim **A Voz da Guiné: Quinzenário Republicano Independente, de 1922**, e o primeiro jornal do país, denominado *Pró-Guiné*, surgiu em 1924. De 1946 a 1973, circula o *Boletim Cultural da Guiné Portuguesa*, publicado pelo Centro de Estudos da Guiné Portuguesa – Boletim no qual se pode encontrar o conto, “Amor e trabalho”, de autoria de James Pinto Bull, em 1952, considerado o primeiro conto guineense com registro escrito (Couto, 2008).

No que diz respeito ao investimento em publicações literárias na Guiné-Bissau, a primeira editora privada (*Ku Si Mon*) surgiu somente em 1994; em 2010, não havia livrarias no país (Campato, 2012, p. 24) nem bibliotecas públicas: a primeira foi inaugurada em Bissau, em 2011, por iniciativa portuguesa da *Associação Afetos com*

Letras, em parceria com o Instituto Politécnico Benhoblô⁶, de Bissau. Tem papel importante na atualidade o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), instituição governamental, voltada à pesquisa, à divulgação científica e à promoção da educação literária do país, tendo lançado recentemente diversas obras de temáticas variadas.

Guiné-Bissau apresenta intensa criatividade na literatura oral, por meio de seus contadores de história; entretanto, esbarra em entraves quando se trata da divulgação impressa de seus trabalhos, como pontua o poeta e cientista político Rui Jorge Semedo⁷ (2013, p. 78): “Habita um espaço tão rico em termos de valores que inspiram o fazer literário, no entanto, escasso em oportunidade de traduzir essa prática em textos impressos que permitam sua visibilidade nos mercados literários”. Assim, para que a literatura não deixe de caminhar rumo a uma periodização funcional, os escritores do país têm feito vasto uso das ferramentas da *Internet* para veicular seu trabalho. Recordando Stuart Hall: “[...] o mundo é menor e as distâncias mais curtas, [...] os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância” (2006, p. 69). Páginas da *Internet* como <www.didinho.org> e <<http://djambadon.blogspot.com>> apresentam variedade de trabalhos publicados tanto em língua portuguesa como em crioulo; mas, “em geral, trata-se de uma ‘literatura da diáspora’, pois a maioria dos autores em questão mora fora da Guiné-Bissau” (Couto, 2008, p. 98).

Outros elementos podem ser acrescidos a este rápido painel que delineia as dificuldades da produção literária escrita na Guiné-Bissau, como o fato de a primeira escola oficial de Bolama ter sido fundada somente em 1933; de a primeira instituição de ensino secundário ter surgido apenas em 1958, na capital e de a primeira universidade pública⁸ - Universidade Amílcar Cabral – ter sido inaugurada somente em novembro de 2003 (embora o decreto de sua criação date de 1999).

Evidentemente, não acreditamos que, anteriormente a essas datas, houvesse na literatura bissau-guineense um “espaço vazio”, como afirmou o crítico cabo-verdiano

⁶ Conforme o jornalista Adriano Salgueiro, da Rádio França Internacional, em notícia m Ventos da Lusofonia, disponível em <https://ventosdalusofonia.wordpress.com/2012/08/13/guine-bissau-tera-sua-primeira-biblioteca-publica/>. Acesso em 20 de abril de 2024.

⁷ Rui Jorge Semedo nasceu em Bissau, em 18 de setembro de 1973. É formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Roraima e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia Política. Em 2001, publicou o livro de poesias *Steria di Tchur* sobre o conflito político-militar de 1998. Publica artigos nos jornais Gazeta de Notícias e Diário de Bissau. É membro de Sociedade Guineense de Autores (SGA).

⁸ Cf. Página da Educação, nº. 130, jan/2004. Disponível em <https://www.apagina.pt/default.aspx?aba=7&cat=130&doc=9849>. Acesso em 18 de abril de 2024.

Manuel Ferreira (Couto; Embaló, 2010, p. 61), devido à falta de condições para a revelação de valores literários. No entanto, como pontua Costa (2018, s.p.):

Mesmo considerando a literatura guineense como aquela que carece das condições que a colocasse a par das outras literaturas, só com o aparecimento da coletânea *Mantenhas para quem luta*, depois da independência, através dos poemas em crioulo, é que este estudioso reconheceu que a literatura guineense começou a ganhar espaço textual dentro do cenário das literaturas africanas dos países colonizados por Portugal⁹.

Tal como salienta Augel, “[...] não há povo sem literatura [...]” (2007, p. 19), considerando que há séculos diversos grupos étnico-lingüísticos convivem no espaço que compreende a Guiné-Bissau, cada um trazendo em suas línguas as ricas tradições de (re)contar a literatura oralmente – a oratura ou oralitura (Semedo, 2011; Couto, 2008). Nessa mesma linha, Santilli assinala que “muito antes dos europeus chegarem à América e à África, havia culturas fortemente solidificadas e altamente elaboradas [...]. No entanto, certa visão eurocêntrica insistia nos ‘povos sem história’ (2007b, p. 16-17)”.

Também cabe mencionar que há registros oficiais de descrições informativas de navegadores portugueses a respeito da Guiné-Bissau de 1594; desse modo, como menciona Couto, “Se tomarmos o termo ‘literatura’ de forma literal, ou seja, reportando-se a textos escritos, podemos pôr o seu início em 1594, data da publicação de *Tratado breve dos rios de Guiné de Cabo Verde* (2010, p.63)”. Como se pode constatar, um consenso plausível a respeito da periodização da literatura bissau-guineense ainda está sendo traçado (Campato, 2012, p. 24).

Fanon (1968, p.184-5) assinala que, de modo geral, a literatura africana, no período da colonização, passou por três etapas marcantes. Numa primeira, o escritor colonizado fazia de suas obras uma espécie de literatura à moda metropolitana, ainda que inspirado pela africanidade - etapa a que Fanon denomina de período “assimilacionista integral”. Por conta dessa assimilação à cultura do outro, a segunda etapa evidenciava muitos escritores distanciados e até mesmo desconectados de seu próprio povo. Como resultado, esses escritores encontravam-se inseridos numa fase de memórias, cujas obras expressavam recordações da infância e das lendas de seu povo. Buscavam uma fuga para o momento de angústia e mal-estar devido à sua real condição de aculturados

⁹ Nas palavras de Ferreira (1977, p. 34), “[...] os fundamentos irrecusáveis de uma literatura africana de expressão portuguesa vão definir-se com precisão, deste modo: a) _em Cabo Verde a partir da revista *Claridade* (1936-1960); b) em S. Tomé e Príncipe com o livro de poemas *Ilha de Nome Santo* (1943), Francisco José Tenreiro; c)_em Angola com a revista *Mensagem* (1951-1952); d) _em Moçambique com a revista *Msaho* (1952); e)_ na Guiné-Bissau com a antologia *Mantenhas para quem luta!*”

ao mesmo tempo que deslocados de suas raízes sociais. Muito provavelmente, o contraste entre a realidade anterior e a que esses escritores passaram a viver, ou seja, a realidade da experiência da sufocação cultural, tornou-se um fator desencadeador de angústia, resultando num estilo literário a que Fanon chama de “literatura de pré-combate” (Fanon, 1968, p. 184). Finalmente, e ainda no período colonial, chegou-se à terceira etapa, a da literatura de combate. O poeta não mais se encontrava distanciado nem excluído de seu povo; buscava despertar a sua coletividade em prol dos ideais de libertação e da necessária reconstrução nacional.

Não somente na Guiné-Bissau, mas praticamente em todas as outras colônias na África, as cantigas, os provérbios, as histórias ancestrais, os contos e as adivinhas das diversas etnias ali já enraizadas por séculos não receberam a merecida e justa valoração (Thiong'o, 1994) – apesar de que “[...] há que existir cautela em não utilizar as razões históricas como o único pretexto explicativo dos cenários existentes”, lembra Semedo (2013, p. 78).

3. Expressão artística hoje: recortes

Apesar dos obstáculos resumidos nos pontos anteriores, a expressividade escrita vem crescendo continuamente por parte de movimentos estudantis desde as lutas de Independência. Apesar de incompleto, apresentamos a seguir um quadro com alguns escritores e algumas de suas obras que podem contribuir para a construção de um painel literário guineense:

Quadro 1: Alguns escritores

Escritores(as)	Algumas obras
Vasco Cabral (1926-2005)	“Poemas: A luta é a minha primavera” (1981)
António Baticã Ferreira (1939)	Poesia dispersa por publicações francesas e portuguesas: “La Tribune Internationale des Poètes”, “L’Afrique Nouvelle e La Croix”; “Poesia & Ficção”
Filinto de Barros (1942)	“Kikia Matcho - O Desalento do Combatente” (1999)
José Carlos Schwarz (1949-1977)	Poemas dispersos por publicações como: “Mantenhas para quem luta” e “Momentos primeiros de construção”
Tony Tcheka (António Soares Lopes Júnior, 1951)	“Noites de Insónia na Terra Adormecida” (Guiné, 1996); “Guiné Sabura que Dói” (2008 – Brasil; 2009 - Portugal); “Desesperança no Chão de Medo e Dor” (Portugal, 2016). “GUINEA” - brochura poética, trilingüe (Kriol, português, alemão - 2020), “Quando os

	Cravos Vermelhos Cruzaram o Geba” (romance, Portugal, 2020)
Carlos Vaz (1954)	“Para um conhecimento do teatro africano” (dramaturgia, 1999)
Filomena Embaló (1956, nascida em Angola)	“Tiara” (romance, 1999 – primeiro publicado por uma mulher na Guiné-Bissau), “Carta aberta” (contos, 2005), “Coração cativo” (poesia, 2008)
Helder Proença (1956-2009)	“Não posso adiar a palavra” (Portugal, 1982)
Sakalla (Agnelo Regalla, 1957)	Poemas publicados em diversas antologias como em “Mantenhas para quem Luta”
Francisco Conduto de Pina (1957)	“Palavras suspensas: poesia” (2010), ‘Onde outros somos todos” (2020)
Abdulai Silá (1958)	Romances: “Eterna Paixão” (1994, considerado o primeiro romance guineense), “A Última Tragédia” (1995; 2ª ed. Brasil, 2006), “Mistida” (1997), “Memórias SOMÂnticas” (2016).
Odete Semedo (1959)	“Soneá: Histórias e passadas que ouvi contar I” e “Djênia: histórias e passadas que ouvi contar II” (2000), “No fundo do canto” (poesias, 2003), “Nkantada: Rainha do lago dourado” (ficção, 2020)
Rui Jorge Semedo (1973)	“Sterá di Tchur” (poesia, 2001)
Helena Neves Abrahamsson (1962)	“Fora di nos” (poesia, 2022)
Gisela Casimiro (1984)	“Erosão” (poesia, 2018), “Estendais” (Crônicas, 2023), “Giz” (poesia, 2023)
Amadu Dafé (<i>não localizamos ano de nascimento</i>)	Ficção: “Magarias” (2017), “Ussu de Bissau” (2019), “Jasmim” (2020), “A Selva Mágica das Sarnadas de Ródão” (2023)

Fonte: Elaborado pelas autoras

Neste artigo, limitamo-nos a focalizar alguns aspectos da produção em versos, a título de exemplificação do fazer poético guineense. Nessa direção, artistas como o músico e poeta José Carlos Schwarz, na década de 1970, deixaram rica inspiração cultural aos jovens da posteridade, passando a produzir textos de cunho revolucionário, patriótico e de reafirmação do valor literário do país - uma resposta incisiva às afrontas do mundo europeizado que tanto os estigmatizara como povos sem história nem cultura. As obras musicais de Schwarz, que se uniu ao músico Cobiana Djaz, “fizeram a sociedade

acreditar na música como princípio de resistência", aponta Semedo (2013, p. 69). Além disso, a página na *internet Rossio Music Publish*, que dedica uma seção ao artista, destaca:

Entre os temas que o artista deixa para a posteridade, poemas escritos sobretudo no período compreendido entre 1970 e 1977, destacam-se *Ke ki mininu na tchora* (imagem do conflito fratricida entre guineenses pró-independentistas e seus irmãos sob o jugo do colonizador, combatendo entre si), *Mindjeris di panu pretu* (tributo às mulheres de luto, mães dos soldados guineenses tombados na guerra pela independência, verdadeiro hino oficioso da Guiné-Bissau) ou *Djiu di Galinha* (relato do período em que esteve encarcerado na prisão da Ilha das Galinhas)¹⁰.

Mais tarde, surgiram outros movimentos de engajamento social, como os literatos *Meninos da Hora do Pindjiguiti*¹¹, fazendo com que composições poéticas e musicais de denúncia contra a opressão, mas a favor da reafirmação cultural e que conclamavam o povo à luta em prol da reconstrução de uma nação mais justa, passaram a ganhar inúmeros adeptos de tal modo que, ainda hoje, compõem obras de teor de denúncia contra as situações sociopolíticas do país.

Em considerável parte dessas obras da Guiné-Bissau predomina forte crítica ao desgoverno, à ambição e à corrupção, fatores que levaram o país, mesmo depois da independência, a uma situação de extrema pobreza, conduzindo-o à desilusão diante dos impactos catastróficos que recaem sobre si. (Augel, 2007). É o que se observa, por exemplo, na terceira estrofe do poema *Angústia da Guiné*, de Respício Nuno, datado de 1999, escrito durante um conflito armado no país:

[...]

os pés vão andar sem cabeça
[eles] procuram tirar [para si]
a flor do arroz (a melhor parte)
as contas não estão certas (há desordem)
para o desassossego da Guiné (Augel, 2007, p. 223).

Um dos principais traços da literatura de resistência é o fato de seus autores não se sentirem presos à estilística poética. Sua preocupação maior focava a crítica e a

¹⁰ <https://www.rossiomusic.pt/pt/autores/124-jose-carlos-schwarz>. Acesso em 19 de abril de 2024.

¹¹ O "Massacre de Pindjiguiti" ocorreu em 3 de agosto de 1959, durante a greve dos trabalhadores do porto de Pindjiguiti em Bissau, ocasião em que estivadores e marinheiros reivindicavam aumento salarial. O movimento foi violentamente reprimido pelas autoridades coloniais, registrando-se cerca de 50 mortos e uma centena de feridos. Disponível em: <http://quineaos.blogspot.com.br/2012/08/3-de-agosto-de-1959-massacre-de.html>. Acesso em 30 de agosto de 2024.

denúncia contra a repressão, tanto das políticas externas como das internas (Campato, 2012; Augel, 2007). Esse olhar quase que exclusivo para as questões militantes representou uma incompletude no que se refere às demais abordagens cotidianas que a poesia pode ilustrar. Devido a essa diversidade de temas ter ficado distante de acompanhar o mesmo compasso que a temática das lutas de resistência, podemos afirmar, em concordância com Rui Jorge Semedo, que o “envolvimento militante do poeta inibiu o senso crítico literário que emergia nos primeiros momentos do pós-independência e permitiu-se que a produção cultural ficasse atrelada ao regime” (2013, p. 77).

Em contrapartida, desde o fim do período das lutas de independência, gradualmente, os poetas bissau-guineenses têm se afastado de traços fortemente militantes e combatentes e vêm se aproximando de um estilo mais artístico, voltando-se “mais para o intimismo e o lirismo, além de problemas do dia a dia do guineense, como a miséria, a fome [...] e questões familiares”, como analisa Couto (2008, p. 89). A partir da primeira década de 2000, muitos jovens passaram a compor textos de forma mais inovadora e introspectiva, explorando muito mais a exaltação à pátria, à cultura e à reafirmação da identidade guineense, até então sufocadas pela opressão.

Como exemplo do exposto, em vários poemas de Rui Semedo, notamos uma constante intervenção a favor da reconstrução da nação guineense. O poeta conclama um povo único à reconstrução, sem distinção nem divisão, independentemente do gênero ou da idade. Em “Caros Poetas”, tal como se observa no exemplo abaixo, o poeta registra a necessidade de um compromisso maior dos demais poetas em relação às necessidades do povo:

[...]
Poeta e poetisa da minha terra
A vocês dirijo o esplendor da minha angústia
Fala-se muito do povo
E pouco, se faz por ele [...]
Acordem os que estão dormindo, consolem os oprimidos
[...] Quero ver homens com arado
[...] Mulheres com a rede
Dançando em direção ao rio
Jovens com livro em direção à escola
Crianças com aquele sorriso lindo [...]. (apud Campato, 2012, p. 240).

Reforçando essa perspectiva, Rui Semedo, no poema “Somos irmãos”, vai além de suas fronteiras para abrir denúncias contra as misérias não somente na Guiné-Bissau,

mas também, por exemplo, no Brasil, país onde concluiu seus estudos superiores. Neste aspecto é pertinente observar como o eu poético reconhece e destaca o grau de consanguinidade entre os dois povos:

De século de dores
E de esperança...
Somos vossos irmãos
Da outra margem do Atlântico
Lá do Continente Negro
Onde apesar da pobreza e do sofrimento
As pessoas vivem ricas de alegria
E o orgulho de ser negro...
Vocês são nossos irmãos
Somos homens e filhos do mesmo sangue
Unidos pela língua da escravatura
A portuguesa [...] (apud Campato, 2012, p. 237).

Conforme mencionado, por um período significativo, a poesia guineense ficou muito atrelada ao regime político em vigor e, por isso, a obra de arte acabava cedendo espaço para o discurso político-social (Semedo, 2013, p. 34), o que leva Semedo a apontar, em tom crítico, que a UNAE¹² “pecou por ignorar a necessidade de distanciamento entre o poeta e o militante político, entre o canto e o discurso e entre a liberdade cultural e a ideologia partidária” (p. 77). Contudo, deve-se considerar que a literatura escrita da Guiné-Bissau é uma manifestação bastante recente e que de muitas coisas não se há registros, pois, o conhecimento e as tradições desse povo sempre foram passados oralmente de geração a geração, nas suas mais diversas línguas.

Atualmente, são abundantes os temas explorados pelos poetas do país, pois muitas são suas memórias, os patrimônios nacionais, a multiplicidade de entrelaçamento histórico entre as etnias, a biodiversidade, as incertezas quanto ao que esperar do futuro, os temores e os sonhos. Há obras recentes que buscam, em alguma altura de sua narrativa, dialogar com as obras de um passado recente, quando ainda se nutriam esperanças pelo país tendo em vista as crianças dos dias atuais. É o caso da escritora Helena Neves Abrahamssom, em sua obra “Fora di nos”, publicado em 2021, pela Nimba edições, que apresenta o poema “Dia internacional da criança”, no qual ocorre um deslocamento temporal para o passado, ao mesmo tempo que confere voz à criança

¹² União Nacional de Artistas e Escritores, associação guineense fundada durante os adventos revolucionários da literatura.

contemporânea, que reivindica à sociedade o cumprimento das promessas feitas no passado. Observa-se, então, uma reminiscência daquela literatura engajada com o social, levantando críticas às lideranças do país, porém, sem a completa anulação do lirismo. Vejamos excertos do poema:

DIA INTERNACIONAL DA CRIANÇA

[...]

Quereria fazer voltar o tempo, ser criança
E na ousadia da infância voltar a sonhar
com aquele futuro que continua por chegar

[...]

Ainda à espera desse futuro prometido pelos
adultos, mas que nunca chega,

[...]

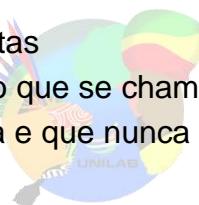
nós, Guineenses, não entendemos ainda este
existir abstrato que há de vir, que é o futuro, mas
que se constrói HOJE.

[...]

As nossas crianças estão exaustas
de ouvir falar e contar sobre algo que se chama
FUTURO, mas que nunca chega e que nunca viram.

[...]

E assim, atrás das grades da maldade e
da cobiça dos adultos, as nossas crianças,
à espreita, continuam à espera desse **FUTURO**
que nunca chega... (ABRAHAMSSON, 2021, s.p.)



É válido reiterar que essa expressividade artística em potencial tem esbarrado na dificuldade do acesso à leitura pela maioria da população e, como já visto, na escassa circulação de produções literárias e no investimento insuficiente na formação de professores, não somente de português e crioulo, como também das línguas nativas de cada comunidade. Nas palavras de Paulo Freire, a Guiné-Bissau se caracteriza como “um país que tem dificuldades para formar professores já numa determinada língua, imagine agora esse país tendo que formar professores em diversas línguas” (2003, p. 177).

Em décadas passadas, esse investimento praticamente inexistente na educação por parte do colonizador e a tentativa de anulação cultural a qual foram submetidos os nativos de muitas colônias na África foram investidas para aculturar os colonizados. Nesses termos,

[...] a política colonial não permitia aos “ocupantes tradicionais”, que os colonos denominavam de “gentios”, o acesso à instrução, razão pela qual o primeiro liceu só começou a funcionar muito depois do fim da II Guerra-Mundial, mais precisamente nos finais da década de 50. Isso quer dizer que até antes desse período não se constituía ainda uma “elite escolarizada guineense” em condições de se refletir, debruçar e/ou de produzir obras literárias a partir de manifestações culturais resultantes da diversidade do produto existente no país. (Semedo, 2013, p.70-71).

Devido à proximidade do crioulo com o Português, em comparação com as demais línguas autóctones, quem dominasse essa variação guineense já desfrutaria de um certo *status* na sociedade no período colonial, passando a ser visto como detentor de uma certa “civilidade” (Mendy, 1994, p. 310). Cumpre ainda ressaltar que privilégios eram concedidos a uma minoria detentora do conhecimento da língua portuguesa. Esses são alguns fatores que intensificaram as barreiras de acesso à alfabetização em larga escala e a publicações de obras em crioulo e nas mais diversas línguas autóctones.

De modo geral, em relação ao panorama africano, praticamente todas as línguas nativas eram ágrafas tanto no período anterior quanto durante a colonização, o que se constitui um dos fatores-chave para a imposição das línguas europeias sobre as línguas originárias. Consequentemente, o processo do colonialismo envolveu “[...] a desvalorização deliberada da cultura das pessoas, de suas artes, danças, religiões, histórias, geografia, educação, oratura e literatura [...]”¹³ (Thiong’o, 1994, p. 16).

Atualmente, o problema do desapontamento da população atual da Guiné-Bissau, refletido claramente nas produções literárias recentes, diz respeito aos problemas de disputas internas pelo poder na esfera política. Por questões de finanças e de administração pública, o país pouco amadureceu a ponto de investir substancialmente na educação dos cidadãos, na formação docente, na descrição e na sistematização das línguas regionais – fatos que dificultam o acesso à escolarização eficiente e ao direito das crianças de serem alfabetizadas em suas línguas maternas, além de contribuir para a desarticulação dos registros literários e historiográficos de toda a nação.

Raras são as publicações poéticas em línguas que não sejam o português ou o crioulo, pois o estudo de algumas das línguas mais faladas da Guiné-Bissau, como o *manjaco*, o *mancanha* e o *pepel* ainda não passaram pelo processo de codificação e, consequentemente, não fazem parte do currículo escolar em suas respectivas regiões. Naturalmente, dentro deste quadro político-administrativo, línguas pouco faladas como o

¹³ Tradução nossa. No original: “[...] the destruction or the deliberate undervaluing of a people’s culture, their art, dances, religions, history, geography, education, orature and literature [...]” (THIONG’O, 1994).

bayote, o *badyara* e o *nalu* dificilmente passarão, algum dia, por alguma normatização, além de estarem sob o risco de desaparecimento, como ocorreu com o *cassanga*, considerada língua extinta (Couto; Embaló, 2010, p. 31).

Convém ressaltar que fatores como a influência de línguas economicamente fortes como o francês, língua oficial do Senegal, com quem os bissau-guineenses mantêm frequentes contatos comerciais, contribuem igualmente para o desaparecimento de algumas línguas que não passaram por processos de sistematização, nem ao menos de registro fonético-fonológico.

Atualmente, já se pode notar na literatura bissau-guineense uma mudança bastante significativa na opção da língua em que se expressa a literatura. Muitas obras dos escritores encontram-se em edições bilíngues (usualmente por meio da interação de duas línguas no mesmo poema), principalmente, porque nem sempre há termos correspondentes na língua portuguesa para exprimir as especificidades da cultura africana). Ademais, verificam-se ainda, edições em que os poemas em português são traduzidos para o crioulo. De uma maneira ou de outra, essa presença de termos em crioulo ou de outras línguas nativas certamente ocorre por uma questão de reafirmação da identidade cultural. É o que podemos constatar na primeira estrofe do poema “Urok”¹⁴ de Rui Jorge Semedo (2013, p. 20):



Ninho de cultura
Protegido no cacinque de cabonghá
Na garandesa de cadjona
No ritmo de pis berga de cabaró
Ao som de kunderé de kampuni

Aqui observamos a revalorização da cultura da Guiné-Bissau, pela qual os poetas tanto conclamam o povo para fazer parte. É uma volta a si mesmo. Ao (re)ativar o uso das línguas nativas na literatura, cada leitor do chão bissau-guineense passa a ver a sua cultura mais vivificada em si. Dessa forma, o poeta desperta seu povo a trazer seu olhar de volta a sua cultura de origem, principalmente pela inserção nos poemas de vocábulos que estrategicamente despertam fortemente a memória coletiva.

¹⁴ *Urok*: Nome das ilhas do arquipélago de Bijagós na Guiné-Bissau; *Cacinque*: mochila de ombro feita de couro, utilizada para transportar vinho; *Cabonghá*: termo utilizado para referir-se a um avô ou homem idoso; *Garandesa*: algo de grandes dimensões; *Cadjona*: a beleza de uma moça encantadora; *Pis berga*: tipo específico de peixe; *Cabaró*: fase de nobreza ou vaidade de um homem; *Kunderé*: ritmo musical tradicional das mulheres de Bijagós; *Kampuni*: designação para uma jovem mulher. (André Calco Có, da cultura de Bijagós, demonstrou prestatividade ao conceder essas informações de sua cultura via mensagem telefônica em maio de 2024).

Voltando-nos à questão dos poemas de denúncia na literatura dos dias atuais, vale a leitura do poema “Minha Terra”, de Rui Jorge Semedo:

Fica situada no continente das guerras
Faz fronteira a norte com instabilidades
A sul com divisões étnico-religiosas
A leste e a oeste é banhado por miséria e desespero.

As principais atividades económicas são:
ser ministro, traficar drogas, revoltas militares,
corrupção, peculato e desvio de bens públicos.

O modelo político é a golpecracia
Os políticos se vendem por cargos
Os juízes por carros de luxo
Os deputados por dinheiro
Enquanto militares mandam e matam.

A língua oficial é a mentira
Mas, a socialmente mais falada é a bajulação
A moeda nacional é o suborno
Nossa bandeira nacional é salário atrasado
A população, cerca de 1.700.000 bananas
E o nosso presidente é uma Adrem¹⁵.

A escolha das palavras do poema transcrito reforça o caráter de denúncia da poesia atual na Guiné-Bissau. Observa-se que a literatura nem sempre expressa a “arte pela arte”, apresentando obras literárias autônomas. A literatura de denúncia apresenta, muitas vezes, obras compromissadas, sem aquele “dissídio extremo com a sociedade” (Campato, 2012, p. 31). A razão de a poesia de combate despojar-se de boa parte de sua autonomia estética deve-se ao fato de estar fortemente vinculada a contextos de desorganização política, militar e social contra os quais abre denúncia. Por esta razão, no poema “Minha Terra” o eu poético surpreende o seu leitor ao desprender-se totalmente da descrição da natureza, para denunciar as atividades ilícitas de sua terra. Isso contraria a expectativa do leitor, que num primeiro momento, ao ler o título “Minha terra”, (principalmente o leitor brasileiro familiarizado com o estilo saudosista e nacionalista da

¹⁵ Segundo o autor, o termo “Adrem”, para ser compreendido, deve ser lido da direita para a esquerda.

“Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias) possivelmente prepara-se para uma abordagem mais bucólica ou campestre.

Conclusão

A produção literária da Guiné-Bissau reflete a complexidade de sua trajetória histórica, linguística e cultural. Desde o período colonial até os dias atuais, a literatura bissau-guineense emergiu em um contexto de resistência e luta, moldada pelas influências do colonialismo português e pelas profundas raízes culturais africanas. Apesar de a oralidade ainda ser o principal meio de transmissão de conhecimento e cultura há séculos, a literatura escrita vem adquirindo destaque como uma ferramenta de reafirmação identitária e contestação política, além de desempenhar um papel fundamental na luta contra a opressão colonial e na promoção de uma visão de nação independente e culturalmente rica.

Os escritores guineenses enfrentam desafios significativos, como a falta de infraestrutura educacional, as baixas taxas de alfabetização e a escassez de publicações e livrarias, legados de um período colonial marcado pelo desinvestimento na formação da população autóctone. No entanto, com os movimentos de independência e a ascensão de figuras icônicas, como Amílcar Cabral, a literatura consolidou-se como um espaço de resistência política e cultural. Poetas como José Carlos Schwarz e escritores contemporâneos como Rui Jorge Semedo utilizam suas obras para denunciar as condições sociopolíticas do país e, simultaneamente, reafirmar a identidade cultural guineense.

A questão linguística é igualmente crucial na produção literária da Guiné-Bissau. O português, embora seja a língua oficial, é falado por uma pequena parte da população, enquanto o crioulo guineense se destaca como a língua mais amplamente utilizada e identitária. Essa diversidade linguística se reflete nas obras literárias, muitas vezes bilíngues, mesclando o português com o crioulo ou incorporando elementos de outras línguas locais. Tal fenômeno reforça a profunda relação entre língua e identidade cultural, tema central na literatura do país.

Os obstáculos enfrentados pelos escritores, como as dificuldades de publicação e o limitado acesso a livros e bibliotecas, são ampliados pela falta de uma infraestrutura literária e educacional consolidada. Apesar desses entraves, a literatura guineense tem demonstrado uma notável resiliência, sobretudo através do uso de plataformas digitais para a divulgação de obras. A diáspora também desempenha um papel fundamental na

preservação e expansão da literatura do país, contribuindo significativamente para a internacionalização da produção artística guineense.

O futuro da literatura da Guiné-Bissau depende, em grande medida, da valorização das línguas autóctones e da formação de novos escritores e leitores. Para que isso ocorra, é imprescindível a implementação de políticas públicas que incentivem a alfabetização nas línguas maternas e promovam o acesso à educação e à cultura para toda a população. Simultaneamente, é necessário que a literatura escrita seja reconhecida como parte integrante da identidade nacional, assim como a tradição oral tem sido ao longo dos séculos. A literatura da Guiné-Bissau, ao refletir as contradições, os desafios e as potencialidades do país, desempenha um papel essencial na preservação da memória coletiva, na denúncia das injustiças sociais e na promoção de um futuro mais justo e inclusivo.

Referências

ABRAHAMSSON, Helena Neves. **Fora di nos**. Lisboa: Nimba Edições, 2021.

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombro**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2007.

BALSALOBRE, Sabrina Rodrigues Garcia; SILOM, Alfa dos Santos. Variedades linguísticas do guineense: por um debate crítico sobre educação linguística na Guiné-Bissau. **Soletras – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**. Rio de Janeiro: UERJ. N. 48. V. 1. p. 49-72, 2024.

BANCO MUNDIAL. **Indicador de taxa de alfabetização de adultos, por gênero (% de adultos, 15 anos ou mais, feminino)**. Disponível em:

<https://donnees.banquemoniale.org/indicator/SE.ADT.LITR.FE.ZS>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BRASIL. **Ministério das Relações Exteriores**. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos. Divisão de Inteligência Comercial. *Guia de Negócios: Guiné-Bissau*.

Disponível em: https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/invest-export-brasil/exportar/conheca-os-mercados/como_exportar_privado/como-exportar.pdf. Acesso em: 21 janeiro de 2025.

CAMPATO JÚNIOR, João Adalberto. **Literaturas de língua portuguesa: Marcos e Marcas – Guiné-Bissau**. São Paulo: Arte & Ciência, 2012.

COSTA, Marceano Tomas Urem da. **A crítica literária sobre a literatura da Guiné-Bissau: considerações sobre um “suposto vazio”**. Mafuá, Florianópolis, Santa

Catarina, Brasil, n. 29, 2018. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2018/a-critica-literaria-sobre-a-literatura-da-guine-bissau-consideracoes-sobre-um-suposto-vazio/> Acesso: 30 de agosto de 2024.

COUTO, Hildo Honório do. A poesia crioula Bissau-guineense. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, São Paulo, v. 18, nº1, p. 83-100, 2008. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/2026>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: Um país da CPLP. In: **PAPIA Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, São Paulo, v.1, nº. 20, p. 7-253, 2010. Disponível em:

<http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1702>. Acesso em: 11 de fevereiro de 2025.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

FREIRE, Paulo. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula**: Visita à história contemporânea. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2008.

MELCHIADES, Katia. **O papel amalgamador do poeta na Guiné-Bissau atual**. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, Programa de Pós-Graduação e Letras. São Paulo, 2015.

MENDY, Peter Michael Karibe. **O colonialismo português em África**: a tradição da resistência na Guiné-Bissau, 1879-1959. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; Bissau: INEP, 1994.

SANTILLI, Maria Aparecida; FLORY, Suely Fadul Villibor (org.). **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas** – Cabo Verde. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

SEMEDO, Rui Jorge. **Sem Intenção: poesia e crítica literária**. Vila Nova de Gaia, Edições Corubal, 2013.

SEMEDO, Maria Odete. **Guiné-Bissau**: histórias, culturas, sociedades e literatura. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

Katia Melchiades, Regina Pires de Brito Fazer literário na Guiné-Bissau: apontamentos

SCANTAMBURLO, Luigi **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português**: o ensino bilingue português-crioulo guineense. 371p.TESE (Doutorado em Linguística) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

THIONG’O, Ngugi Wa. **Decolonising the mind: the politics of language in African Literature**. Zimbabwe: Zimbabwe Publishing House, 1994.

Recebido em: 12/06/2025

Aceito em: 22/06/2025

Para citar este texto (ABNT): MELCHIADES, Katia; BRITO, Regina Pires de. *Fazer literário na Guiné-Bissau: apontamentos. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, São Francisco do Conde (BA), vol. 5, n. 1, p. 197-216, jan./jun. 2025.

Para citar este texto (APA): Melchiades, Katia & Brito, Regina Pires de. (jan./jun.2025). Fazer literário na Guiné-Bissau: Apontamentos. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*, 5 (1), 197-216.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>